

“Academia Feitosa”: sessão científica mais seleta do mundo

A mais seleta e menor academia científica do mundo funcionava na Bahia e tinha apenas quatro membros: Gilson Soares Feitosa, ex-presidente da SBC, e os filhos - a cardiologista Luciana, atualmente em Harvard; Gustavo Feitosa, que terminou a residência de cardiologia no InCor no início deste ano e hoje se especializa em Métodos Gráficos; e Gilson Soares Feitosa Filho, completando um verdadeiro cardume de cardiologistas.

“O único ‘normal’ na nossa família é minha mãe”, brinca Gilson Filho. Ela é professora de inglês, mas, diz, de tanto viver no meio médico acabou aprendendo por osmose. “Desde a infância, a mãe sempre nos estimulou muito a estudar”, afirmam os filhos.

A “sessão” ocorria mensalmente na casa do patriarca com agenda sempre igual: quatro apresentações de 10 minutos seguidas por cinco minutos de discussão cada. A primeira exposição cabia sempre a Gustavo, o mais moço, que, mesmo enquanto calouro, já escolhia um tema de Histologia, geralmente.

Falava em seguida Luciana, sobre um tema seletado de Fisiologia ou Semiologia; depois o Gilson Filho cuja “conferência” quase sempre pinçava um assunto de Patologia; e, finalmente, para coroar o “congresso”, o professor Gilson Feitosa apresentava um de seus trabalhos geralmente muito avançados. Com gentileza tipicamente baiana, no entanto, ele nivelava a exposição ao “público” formado por médicos mais jovens na profissão para que não tivessem dificuldade para

entender o tema.

“Quem não dava palpite nas ‘reuniões científicas’ era minha mãe”, conta Gilson Filho, mas sua missão também era importante, pois após as apresentações chegava a hora do jantar, especialmente preparado para a ocasião.

Faz algum tempo que a “Academia Feitosa” está desativada com a ida dos três filhos, em momentos diferentes para São Paulo. Só por isso o professor Gilson Feitosa concordou em liberar a história da “menor academia do mundo”, até então inédita, ao *Jornal SBC*. Concordou também para matar a saudade das famosas reuniões de família, que não perdeu o contato, mas hoje se fala mais pela Internet.

Gilson Filho diz que não houve qualquer intervenção por parte do pai para que os filhos optassem pela carreira médica. “Nós víamos seu entusiasmo, a dedicação, o grande prazer que sentia ao desempenhar seu trabalho e, assim, naturalmente, seguimos seus passos”.

Aos poucos, primeiro Gilson Filho; depois Luciana; e, finalmente, Gustavo entraram na Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública onde tiveram como professor titular de Clínica Médica, o próprio pai.

O primogênito reconhece que não foi fácil, “eu não queria chamá-lo de pai e achava forçado usar o termo professor”. Assim, com grande dificuldade no uso do vocativo em classe, ele se dirigia ao genitor sem citar seu nome, nem cargo, nem parentesco: “apenas fazia a pergunta”.

Hoje, porém, é diferente. Conhecendo melhor a profissão, entendendo o grande valor do pai como cientista, como médico e tendo vivenciado o imenso respeito de toda a categoria pela figura de Gilson Feitosa, o filho não tem mais dúvidas e enche a boca ao chamar o pai, com muito orgulho, de “professor”.

Afinal, além de tudo, ele criou os filhos muito unidos, tanto que os três cursaram o mesmo colégio e a mesma faculdade. Gilson Filho foi até monitor dos irmãos e Luciana chegou a ser sua interna no Hospital Santa Izabel. Os três fizeram residência de Clínica Médica, em seguida de Cardiologia, doutorado e um deles, Gilson Filho, já leciona na mesma faculdade onde se formou. E espera a volta dos irmãos para, quem sabe, um dia, reabrir a quase secreta e minúscula “Academia Feitosa”.

O “cardume” em sentido horário: Gilson Filho e Luciana com o pai, e o caçula, Gustavo.



Fotos: Arquivo pessoal